

Desordenar para libertar (1)

MANUEL LOPES

Homem de *Esperança e Confiança* no Futuro do Homem. Buscador de sonhadas Utopias, *Luiz Milanesi* começa por perder o respeito pela *Biblioteca* enquanto instituição vocacionada para a salvaguarda e conservação estanque do *Conhecimento*. Descobre afinal, que os *mistérios eleusinos* estão entre nós e que temos necessidade de tecer um outro fio de *Ariadna* para redescobriremos a saída (ou a entrada) do *Labirinto*.

Estou com *Milanesi* quando lhe repugna o cinismo da frase feita *Abrir uma escola é fechar um cadeia*. É daqui que parte para a revisão dos conceitos que envolvem a *educação* e as exigências actuais da *escola*, entendida como instituição preservadora do carácter de classe da sociedade. Manifesta o seu desacordo com a existência da *Biblioteca Pública* como prestadora exclusiva de serviços à *Escola*. Se a *Biblioteca* não for de todos, especializar-se-á, pouco democraticamente, em alguns. Se a *Biblioteca* se abrir à comunidade, ocorrerão os problemas e desafios que justificam e dão vida à nossa actividade profissional de bibliotecários e/ou *animadores de bibliotecas*.

Por outro lado, a sociedade já não se divide entre os que sabem e os que não sabem ler. A Televisão relativizou e estilhaçou de vez esta compartimentação de Poderes. A credibilidade quase absoluta nos mitos da escrita vai dando lugar às novas crenças do diverso audio-visual. A galáxia *Gutenberg* gera novas galáxias. Também há quem não goste ou não queira ler e esteja em seu pleno direito! Ou então, prefira conhecer as aplicações do *baygon* à leitura de *Agustina Bessa-Luís*.

É assim que a *informação* e os mecanismos mais ou menos sofisticados para a produzir, vêm ganhando uma importância cada vez mais avassaladora. A *Biblioteca* já não pode limitar-se a coleccionar, albergar e organizar o *saber* e a *informação*. Surgem os *concorrentes desleais*: a *rádio*, a *televisão* («*toda a gente conhece a minha vaca Ametista* — diria o sinhozinho Malta, da telenovela), o *video*... Serão mesmo concorrentes? Ou coadjuvantes?

Milanesi não assume integralmente a *provocação* que o título do seu livro deixa transparecer — *Ordenar para desordenar*. O autor tem os pés bem fincados no Real quando afirma que a *Biblioteca Pública dentro da dualidade reforma/revolução*, deverá ser *reformada*. Só que esta não é uma atitude mera-

(¹) Breve comentário à obra de Luiz Milanesi — *Ordenar para desordenar*. *Centros de cultura e bibliotecas públicas*, São Paulo, Editora Brasilense, S.A., 1986, 261 pp. no âmbito do *Seminário sobre «a Biblioteca Pública e a Comunidade»*, orientado pelo especialista brasileiro Prof. *Emir Suaiden* e organizado pelo *Instituto Português do Livro e da Leitura*, em colaboração com a *Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas* — Lisboa, 18 a 22 de Janeiro de 1988

mente reformista, mas uma etapa a queimar para se poder chegar um dia ao *sítio do pica-pau amarelo*. Não perceberam? Também não é de perceber mas de sonhar.

É por isso que por vezes se fala muito, não da *Biblioteca* que existe, mas da imaginada. Aquela que poderá vir a ser. Aquela que deverá ser. Possa esta «*Seminário*» com a força de um sonhar colectivo e plural contribuir para edificar a realidade comum.

Como *centro de informação*, a *Biblioteca* será por definição um *instrumento de desordem*. É esta uma das permissas da tese do autor. Não parte para elas de mãos vazias: realizou inquéritos na área regional paulista, colectou e analisou opiniões e depoimentos. Da visão panorâmica que nos dá do *Ensino* e da *problemática das Bibliotecas no Brasil*, ficamos a compreender que o *MOBRAL* também se deixou ultrapassar e envelhecer. Tratava-se de massificar a *alfabetização* e ficava-se por aí. Não se podia (ou não se queria) ir mais longe!

Mudam-se os tempos mudam-se as vontades. Vivemos num mundo em constante mutação. Deve ser por isso que estamos aqui. Mudam os governos. Mudam as leis. E os nossos e os vossos projectos vão igualmente mudando. Estratégica ou naturalmente mudando.

O autor é um apaixonado numa espécie de furor, quase religioso, pela busca das contradições que movem o mundo. Eu, já não sou suficientemente jovem para o seguir. Por vezes é um jogo perigoso. Mesmo citando *Marx* a ler *Feurebach!*

Mas, se há lugar, símbolo ou alegoria para a *Ordem* é a *Biblioteca*. E nem sequer é necessário socorrer-mo-nos das visões riquíssimas de *Borges* ou *Umberto Eco*. A *Biblioteconomia* é o estudo de uma *ordem* quase absoluta — *códigos, catálogos, registos, fichas, indexações*, são, entre muitos outros, os meios de mediação que bem ou mal usados libertam ou aprisionam, enriquecem ou empobrecem essa fonte matricial do conhecimento humano contemporâneo que é a *Biblioteca*.

Mas, esta *ordem* é criativamente construída na *diversidade*. O bibliotecário tem da *ordem* uma ideia às vezes sublime, devota e reverenciadora. Quando isto acontece, o bibliotecário deixa de o ser. Ou, então, passa a transformar-se num *perfeito funcionário público sem nenhuma motivação*. Por outro lado, também o utilizador deseja ou sonha por vezes assumir-se como bibliotecário, recusando o lado funcional e rotineiro do ofício, mas aceitando e sentindo-se atraído pela possibilidade de antepor à *ordem* existente na *Biblioteca* a sua visão pessoal de *ordem*. «*Qualquer indivíduo, num momento, pode desejar ser o construtor do mundo, aquele que concretamente molda, dispõe, organiza, dá forma. Ele corrige o mundo. A sua ordem interior estende-se sobre a ordem que ele vê como desordem. O conceito da desordem é produzido a partir da visão que o indivíduo tem do mundo.* (Milanesi, 1986, pp. 35)

O autor contraria, como já dissemos, com a mais firme argumentação e convicção, a postura que coloca a *Biblioteca* ao serviço da *Escola*, funcionando como um ramo auxiliar do trabalho educativo. É que ele parte do princípio que a *Escola* que o *Brasil* tem não serve e que a *Biblioteca* não se pode agarrar permanentemente a esse «cadáver adiado» que é a *Escola*.

Hoje, também já os livros não são suficientes para nos abrirem os horizontes. E, nem sempre são atractivos ou estimulantes. A *Biblioteca deverá como a leitura* ou a satisfação de uma necessidade informativa, assumir-se como um lugar de prazer. É assim que *Milanesi* nos diz que ver «*Vidas Secas*» de *Nelson Pereira dos Santos* antes de ler «*Vidas Secas*» de *Graciliano Ramos*, permitirá que ambas as obras se interfiram mutuamente. Como se disséssemos: ficamos a conhecer melhor o modo como se produziu o espaço balnear da *Póvoa de Varzim* com o auxílio de um bom e completo registo iconográfico — *fotografias e bilhetes postais ilustrados* da *Póvoa* nos finais do século XIX. O leitor ou o utilizador da *Biblioteca* poderá, assim, navegar com extrema autonomia neste mar impetuosamente rico de informações e aliciamentos.

Há muito mais do que isto nas duas centenas e meia de páginas deste livro de *Luís Milanesi*. Reportamo-nos ao último capítulo — *Uma Alternativa à Ordem*. Uma *Biblioteca* é — deve tornar-se — um centro de informação e convivência em plena e constante mutação. *A Biblioteca é por definição um espaço de contradição*. As *informações* com frequência agridem, desalojam, desordenam. Fabricam incertezas salutares.

A Biblioteca deve abrir todos os espaços possíveis ao debate e à discussão — as necessárias aproximações do escritor e do livro com o leitor, a audição de obras musicais ou o visionamento de filmes e diapositivos. *A Biblioteca pode e deve actuar no sentido de ampliar o acto de ler*.



Finalmente, o autor através da sua própria experiência e conhecimento da realidade cultural, social e política brasileira, considera que a *Biblioteca é permanentemente perigosa. É o espaço que mais pode subverter*. Nem sempre diz como isto acontece. Parece mais um sonho do que uma constatação. É mais um desejo do que o reconhecimento de uma prática já experimentada.

Vêm-me à memória os sonhos e as esperanças de Abril. Mas depressa volto a cair no pantanosamente metálico e tecnocrático Real. É aí, que vivem os «*dactilógrafos de fichinhas*», no dizer do autor. Poderemos vir a dispensá-los «*assim do pé para a mão*». Não sei! Sei das exigências actuais da informação, que se não compadecem com burocratas ou analistas de sistemas, mas exigem homens cultos capazes de contribuir para a transformação do mundo.

Claro que há vários discursos! A *Biblioteca* é o espaço antidogmático ideal. O último reduto de uma informação contraditória e plural, na medida em que reflecte a riqueza e a variedade do pensamento e do conhecimento humanos.

— *Ordenar para desordenar* — diz ele.

— *Pelo sonho é que vamos!* — digo eu.

E nós por cá? Todos bem?

Cá por mim, trabalho há vinte e dois anos numa *biblioteca* de província — Póvoa de Varzim: 60 000 habitantes, beira-mar minhota, comunidade piscatória, um dos mais importantes concelhos agrícolas do distrito do Porto, sem indústria que se veja e uma forte actividade turística e imobiliária.

A *Biblioteca* data de 1880, nascida para consagrar o *Tricentenário de Camões*. Na sua criação estiveram presentes razões filantrópicas de cariz republicano. Desapareceu com o *Estado Novo* dissolvida integralmente na *Escola* e reverdeceu com a acção cultural do suplemento literário de um semanário local na década de cinquenta. Ajudei a redescobri-la para o *Poder*. Aproxima-se, agora, a sua hora mais radiosa. Tem cerca de 25 mil leitores por ano e dispõe de um fundo bibliográfico da ordem dos 20 mil volumes, menos de 15% dos quais se encontram afectos ao livre acesso. A comunidade conhece-a pelos serviços que presta à *Escola*. Já é lugar aberto à informação, que começa a ultrapassar um pouco o livro. Não é lugar de leitura de lazer. Mas tem condições objectivas para se transformar num *centro de informação à comunidade*.

Quanto à subversão, ainda não nos apercebemos das mutações semânticas operadas nesta área. Subverter sim, mas sem perder aquele fio de *bom senso* de que nos falava um outro brasileiro, o bibliotecário *Ruben Borba de Moraes*.